

*COLÓQUIO EDUCAÇÃO SUPERIOR
DIMENSÕES E PERSPECTIVAS TRANSDISCIPLINARES*

Desafios do Ensino Superior e EaD



TECNOLOGIA, ACESSIBILIDADE E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

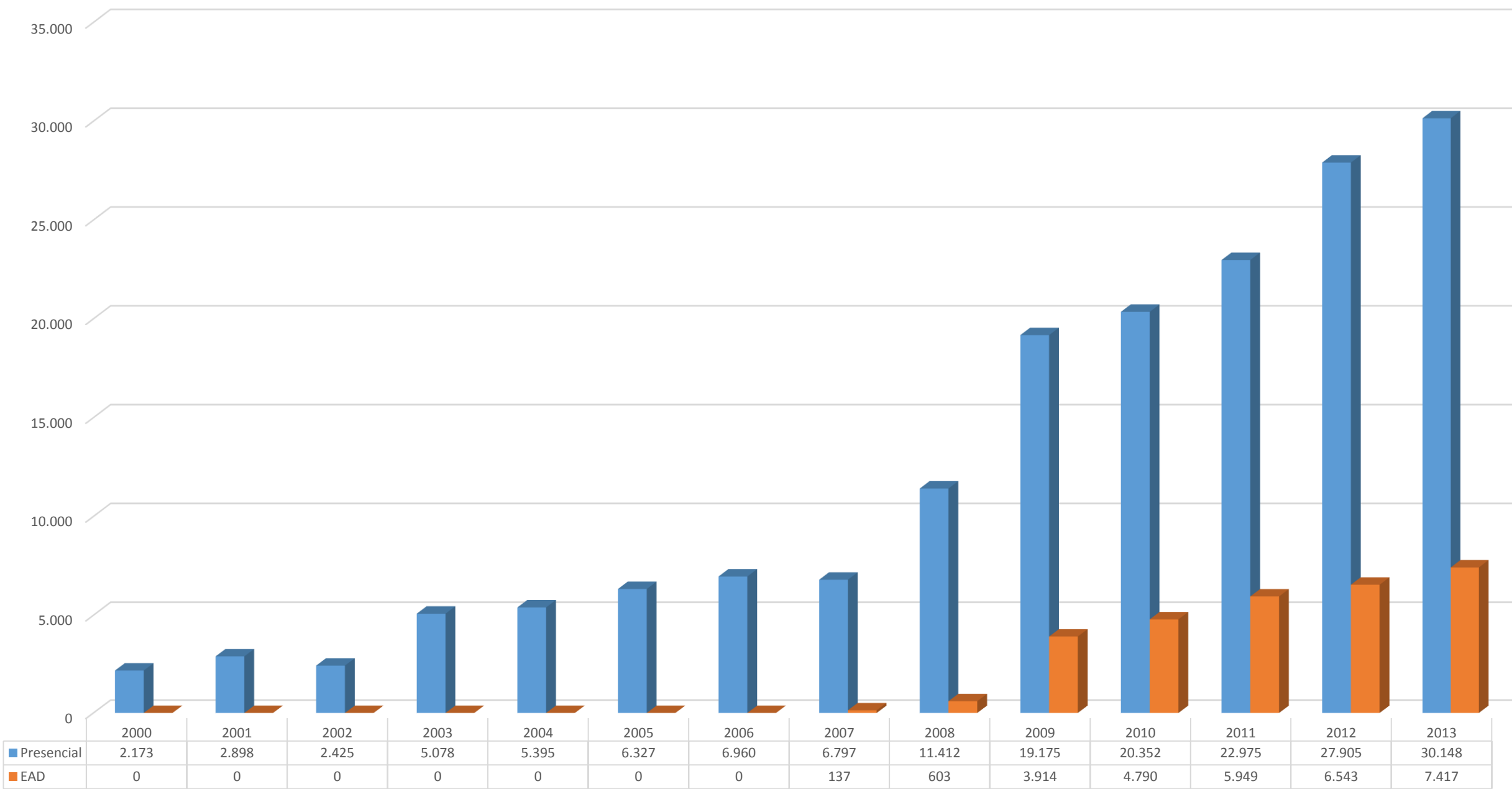
Prof^a Dr^a Sheilla Brasileiro
18 de abril de 2017

As pessoas com deficiência no ensino superior brasileiro

- 45.623.910 de brasileiros com deficiência (23,9% da população – Censo 2010).
- + de 17.000.000 com deficiências severas.
- Representam 0,4% dos universitários do Brasil .
37.565 estudantes com deficiência –
universo de 7.305.977 universitários.
(Censo do Ensino Superior, 2013)

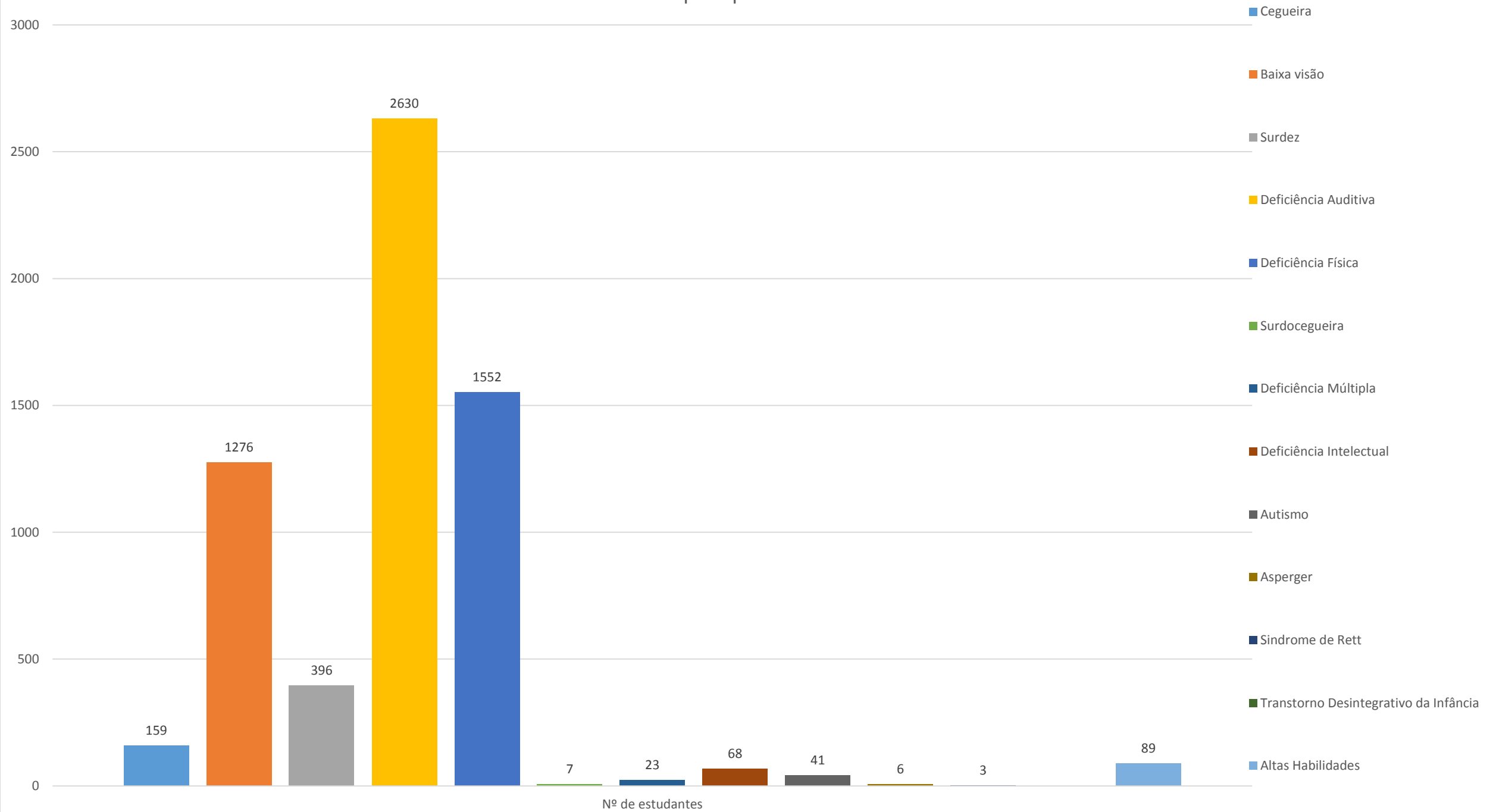


Estudantes com Deficiências matriculados no Ensino Superior - Brasil



■ Presencial ■ EAD

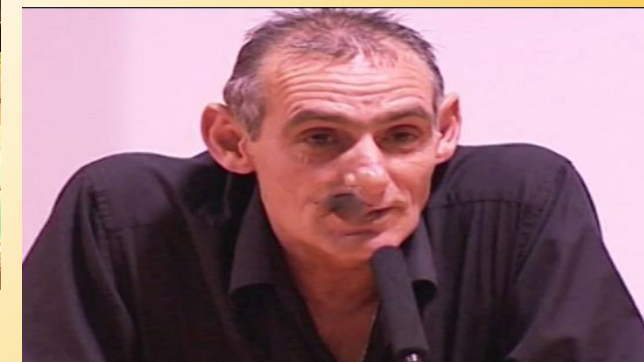
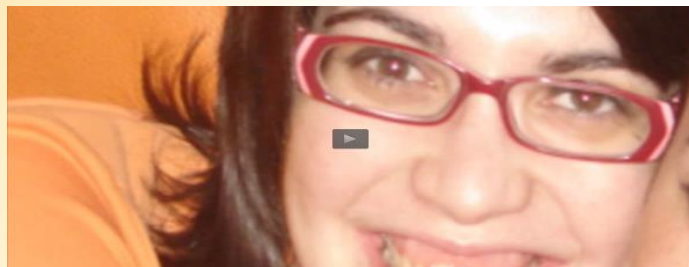
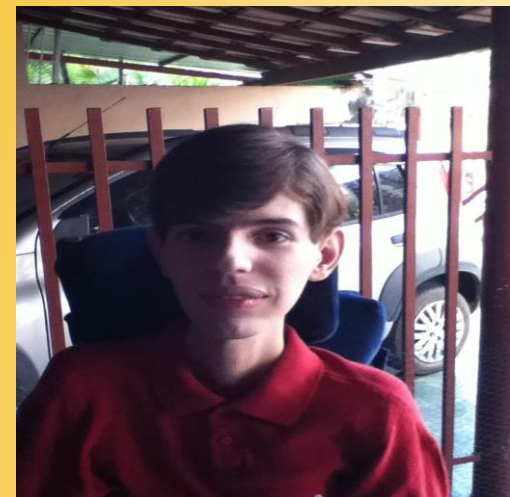
Nº de estudantes por tipo de deficiência - EAD - 2013





- Dentre as pessoas com deficiência que estão cursando o ensino superior, muitas estão integradas, mas não estão incluídas, o que as impede de concluir o curso.
- 16 milhões de pessoas com deficiência abaixo da linha da pobreza.
- Barreiras físicas, culturais e sociais.
- EAD como possibilidade.
- Censo Ensino Superior 2013 – estudantes com deficiência estão nas universidades privadas.

UMA PESQUISA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA



UMA PESQUISA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

- “Nada sobre nós, sem nós” – Convenção da ONU sobre os direitos das pessoas com deficiência (2006).
- Grupo social que conseguiu romper barreiras e ampliar suas possibilidades.
- Relatos biográficos
 - 14 do Brasil
 - 10 da Espanha
 - (8 com DV; 11 LLM; 5 DA)

UMA PESQUISA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

- Categorias de análise:
 - Significados dos estudantes sobre si mesmos como pessoas com deficiência;
 - O acesso ao ensino superior;
 - Ser estudante em um contexto virtual;
 - Tecnologias Assistivas;
 - Avaliação feita pelos estudantes das reais possibilidades de inclusão nesse nível de ensino e nessa modalidade.

ALGUNS DEPOIMENTOS

- *A tecnologia me trouxe de volta aos estudos. Sofri um acidente de carro e ao ver que não poderia mais andar, pensei até em desistir... Minha prima me falou do curso a distância e comecei a fazer. Estudo em minha casa, faço até trabalho em grupos pela internet. No mundo globalizado não há mais a necessidade de uma presença física para fazer cursos e aprendizados. A tecnologia já aproxima os universos internos e externos. (Aluna Ciências Contábeis – deficiência locomotora)*
- *Tenho tido algumas dificuldades no curso, como acessar algumas ferramentas, como o fórum de discussão, reunião online, atividade objetiva. A plataforma não é acessível. (Aluno cego. – IES Privada)*

ALGUNS DEPOIMENTOS

- *Os recursos de acessibilidade para mim que sou cego não foram suficientes. Quero esclarecer, porém, que contei com toda a ajuda da tutora e dos professores, que fizeram a interface por e-mail. (Aluno cego – IES Privada)*
- *Tive algumas dificuldades no início, o que foi sanado com a introdução da interpretação das aulas em vídeos, em LIBRAS. Os demais materiais têm ótima qualidade. Acredito que no presencial não teria acesso a um curso tão bom (Aluno Contábeis – surdo) Em minha convivência com alunos com deficiência no curso superior presencial, percebo muitas dificuldades de acompanhamento de exercícios e cálculos. Por mais que se esforcem e são apoiados por intérpretes, no caso dos surdos, o rendimento é baixo. No curso a distância, eles tem material todo disponibilizado e explicado e podem estudar utilizando o tempo necessário para desenvolver as atividades, enviar as dúvidas pelo correio on line, ter um horário exclusivo com o tutor, enfim é muito mais viável e possibilita a real aprendizagem para quem quer investir no curso. Tenho percebido um melhor aproveitamento dos alunos com deficiência que cursam a minha disciplina a distância. (Professor L).*

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

- A Universidade começa a aceitar uma diversidade que a princípio ignorava – conquista dos movimentos sociais;
- Crescente inserção das pessoas com deficiência em todos os espaços da vida social;
- Embora seja um grupo de pessoas com deficiência, as demandas são muito específicas;
- Estudantes com deficiência buscam desenvolver estratégias pessoais, com a finalidade de superar barreiras encontradas no dia a dia nas IES.
- IES que possuem Núcleo de Inclusão diferem em relação ao acesso e permanência das pessoas com deficiência.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É promissora a relação entre a EAD e as pessoas com deficiência:

- Pode ser um meio importante para a inclusão social das pessoas com deficiência, tanto para o acesso a educação quanto ao mercado de trabalho.
- Pode contribuir para a melhoria da autonomia dos estudantes.
- Permite superar as barreiras dos centros urbanos.
- Respeita o ritmo de aprendizagem individual.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

- A EAD não constitui, por si só, numa ferramenta de redistribuição e justiça social, mas pode ser um facilitador nos processos de inclusão no ensino superior.
- Para a efetiva inclusão das pessoas com deficiência no ensino superior a distância, é preciso muito mais do que tecnologia.
- Escutar as demandas dos estudantes com deficiência.
- Formação continuada de professores e tutores.
- Equipe multidisciplinar disposta a atender a diversidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

- Os motivos da escolha pela EAD são diversos:
 - - Não ter IES na cidade de origem;
 - - Não conseguir se locomover até a universidade presencial;
 - - Preços mais baixos;
 - - Falta de acessibilidade em cursos presenciais.
 - - Conseguir “esconder” a situação de deficiência.

ALGUNS DEPOIMENTOS

A decisão de fazer um curso a distância foi, em primeiro lugar, por acreditar na eficácia do processo, uma vez que trabalhava com EAD, e em segundo lugar por absoluta falta de tempo e a incompatibilidade de horários com os cursos presenciais de Ciências Contábeis ofertados em BH. (*Rogério, cego, Privada A*)

Tentei fazer o curso a distância, pois isso evitaria a minha locomoção diária, teria horários mais flexíveis e poderia continuar trabalhando. (*Aparecida, cega, Privada B*)

A EAD é uma excelente oportunidade para realizar um curso de graduação pela praticidade do horário de estudo. Não tenho muito tempo livre e dessa forma consegui me organizar. Já trabalhava na Rede Municipal de Educação e queria fazer o curso de Pedagogia para continuar trabalhando no ensino com alunos cegos ou com baixa visão. (*Lúcia, cega, Privada D*)

ALGUNS DEPOIMENTOS

Por morar em uma cidade pequena e a universidade mais próxima à minha casa ser em Governador Valadares, resolvi fazer um curso a distância. A dificuldade que estava tendo para ir as aulas presenciais no ensino médio, ao lado da minha casa, imagina ter que viajar todos os dias?! (Gabriel, Distrofia Muscular Progressiva, Privada A)

Em nenhum momento informei para a faculdade que era deficiente auditiva. Já sofri muito preconceito em minha vida e não queria correr o risco de não entrar para a universidade. Fiz a prova do vestibular como qualquer outro aluno, assim como cursei todo o ensino superior sem que ninguém soubesse da minha deficiência. Fiquei como segunda excedente e logo eles me chamaram. (Leila – depoente com deficiência auditiva – Privada D)

ALGUNS DEPOIMENTOS

Na universidade continuei enfrentando quase as mesmas situações que passei no ensino fundamental e médio, pois ainda há professores no ensino superior, que pensam estar me fazendo um favor, quando necessitam adequar as aulas ou materiais para que eu tenha ao menos uma fatia do “bolo” que meus colegas recebem por inteiro. Às vezes tenho a impressão que se presencialmente já ficamos esquecidos, à distância então... nos tornaremos invisíveis. (*Lúcia, estudante cega, Privada D*)

Tanto no dia do vestibular quanto nas provas colocavam avisos escrito no quadro e não me comunicavam. Depois da prova feita, quando questionava alguma coisa que para mim não estava clara respondiam: “Sinto muito, estava escrito no quadro”. Como eu iria saber? Tinha que me virar para enxergar de qualquer maneira? (*Saulo, cego, Privada C*).

Recebi o contato da coordenadora pedagógica dizendo que iria sair da universidade. Com a sua saída da Privada A, eu e os demais alunos com deficiência tivemos uma perda significativa. Mesmo o núcleo de inclusão na universidade, não nos deu o apoio devido. Parece que por sermos alunos dos cursos a distância, não existimos, somos invisíveis. Recebi cópia do relatório que a coordenadora enviou e dos procedimentos necessários para continuarmos tendo apoio, mas muita coisa que já tínhamos conquistado, acabamos perdendo. Quando chegou a primeira prova do semestre seguinte, minha mãe ligou para solicitar a continuidade do procedimento de aplicação em casa. A minha saúde, como você pode ver, piorou bastante. Acho que não dou mais conta de uma viagem para Belo Horizonte. A instituição, no entanto, se pôs a questionar se de fato havia ali um direito do aluno e dever seu enquanto IES inclusiva. Quando a minha mãe foi questionar isso, o próprio diretor chegou a dizer que só me mantinha no curso, por que a referida coordenadora cuidava de todas as minhas necessidades e que para a universidade não era importante ter pessoas como eu, que davam mais despesas do que lucro, diante de tantas demandas.

Na época, eu e minha mãe pensamos em denunciar, mas lembramos do tanto que a universidade estava sendo boa para o meu desenvolvimento e que eu poderia fazer atendimentos contábeis desde casa, era o meu futuro profissional que estava em risco, então, resolvi continuar. Encaminhamos para análise da Assessoria Jurídica da PRIVADA A, para tentar resolver a situação de forma interna. O caso não teve solução imediata, ocasionando atraso no meu semestre acadêmico. Eu não tinha condições de ir e a universidade não tinha de mandar alguém. A instituição, através da assessoria jurídica, considerou que o correto era a minha família arcar com os custos da passagem e hospedagem do aplicador. Minha mãe solicitou que verificasse a possibilidade do aplicador ficar hospedado na casa dos meus avós, que tem mais conforto, e ali daríamos também a alimentação. Parece que o caso foi reavaliado, poucos dias depois deram resposta favorável a aplicação de provas domiciliar, continuando a PRIVADA A a encaminhar o profissional apto para aplicação da prova. Em conversa com os outros colegas, um cego e outro com deficiência física, eles também disseram que perceberam que a inclusão não era da PRIVADA A, mas de uma profissional dedicada a essa causa. Agradeço muito a essa coordenadora por tudo o que fez por mim e espero que essa pesquisa ajude a ter mais pessoas como ela nas universidades a distância.

Gabriel, LLM

ALGUNS DEPOIMENTOS

Fui muito bem recebida na UOC. Fui chamada pelo setor que trabalha com as pessoas com deficiência visual. Dentre eles tinha um funcionário cego que me fez “enxergar” muita coisa. A medida que fomos conversando foram feitas algumas adaptações de materiais que eu precisava, principalmente os impressos. Minha experiência desde o momento da prova de acesso foi muito positiva. (Raquel, baixa visão degenerativa, UOC)

Entrei em contato com UNIDIS, um departamento que funciona fantasticamente e que tem grandes profissionais. Tenho de agradecer por me ajudarem a realizar meu sonho de continuar estudado. Me ajudaram muito com a adaptação. Me deram muito incentivo, me telefonavam para saber como estava, o que precisava, orientava como fazer para organizar os estudos. Estou na cadeira em rodas e vivo em um prédio sem elevador. Isso me impede de sair como eu queria. Graças a UNIDIS, fiz a prova de acesso em casa e continuo fazendo as provas presenciais. As pessoas são fantásticas. Trazem a prova em um envelope e aplicam exatamente no mesmo dia e horário que todos os demais colegas da universidade. Quando termino, eles colocam no envelope, lacram e levam embora para o professor corrigir. Às vezes, após a prova, conversamos um pouco sobre o que aconteceu comigo, como estou, as dificuldades que estou tendo. Sempre oferecem apoio e assistência no caso de eu precisar de alguma coisa ou se eu tenho alguma dúvida sobre os conteúdos. (Cristina, Limitação Locomotora, UNED).

ALGUNS DEPOIMENTOS

Terminei o ensino médio e fiz o vestibular para Administração de empresas. Agora, diferente, do ensino básico, os professores não ficavam muito atentos a mim. Davam suas aulas normalmente. Se eu estava na faculdade eu é quem deveria me adaptar. Falavam de costas, enquanto estavam escrevendo no quadro, passavam filmes sem nenhuma preocupação com legenda.... Alguns colegas até tentavam me ajudar, outros achavam que eu atrapalhava, que os fazia perder tempo... ou até mesmo que não é bom para a imagem da universidade ter um aluno surdo. Sei que na faculdade o tempo de aula é curto e a matéria é muito grande. Mas também não dá para ignorar que tem um aluno na sala que não escuta. A falta de interação entre o professor e aluno, professor impaciente, incompreensível e critica com grosseria pode desanimar qualquer aluno. A gente assusta ao chegar na universidade. Por um lado, é porque os professores não estão preparados mesmo. Por outro é porque no passado, que não havia preparo os professores para darem aula aos surdos, ao invés do professor avaliar o aluno surdo na prova, dava trabalho e/ou prova para fazer em casa com os pais ou com colega e ganha nota passando facilmente. Professores sempre passavam a mão na cabeça. Assim a gente entra na faculdade e sente assustado e não consegue enfrentar. Tentei fazer o curso até um momento que não suportei mais e parei. Depois de muitos anos, resolvi voltar a estudar, mas dessa vez, a distância. Os motivos que me fizeram optar por esta modalidade foi a vantagem de poder administrar melhor as minhas atividades profissionais já que posso escolher os horários ideais para dedicar aos estudos e por acreditar que, pelas possibilidades das tecnologias, seria um curso mais acessível. Optei pela PRIVADA A por saber que, de fato, naquela época era a única universidade que se propunha a ser inclusiva. (Roberto, surdo, Privada A)

ALGUNS DEPOIMENTOS

Procurei um curso a distância, primeiro para fugir mesmo do preconceito e depois porque pensei que seria mais fácil eu ler e escrever tudo, do que ficar tentando entender o que falavam e ter problemas de dicção. Tinha dificuldades no fórum virtual, pois você sabe como o surdo escreve, né? Assim, não participava muito ou só concordava, para ninguém desconfiar que tenho deficiência. (Leila, Deficiência Auditiva, Privada)

ALGUNS DEPOIMENTOS

Tive que enfrentar muitas dificuldades, preconceitos, discriminação por parte de alguns colegas e professores que não conheciam e não sabiam como lidar com um aluno cego. Um dos grandes obstáculos enfrentados no processo acadêmico foi a falta de preparo dos professores. Muitos pensavam que por ser a distância não precisavam fazer nada pois estava tudo no computador. Mas não é bem assim. Os vídeos em inglês eram legendados, nenhum teve áudio descrição e olha que foram muitos vídeos. Livros impressos sem acessibilidade para leitura. Imagens sem descrição ou compatibilidade com os leitores de tela. Assim, sempre precisei depender de alguém para me ajudar. Mas nem todos os colegas eram prestativos ou tinham boa vontade. Minha relação com os colegas foi muito conturbada. Não sei se por ser a distância a gente não tinha tanto contato, então, quando eu pedia no fórum de discussões para alguém me ajudar, discutir algum vídeo comigo, alguém que morasse aqui em BH mesmo, ninguém aparecia. Me excluía de tudo. Até as festas de final de semestre eu não ficava sabendo. Acredito que era pelo preconceito. Duas professoras dificultaram a minha aprendizagem, pedindo para analisar charges sem descrevê-las para mim e também outras imagens. Me disseram que para ser jornalista eu preciso saber analisar isso, mas sem saber o que estava na imagem, como analisar? Procurei a coordenação e nada foi feito para alterar o quadro de dificuldades e esses obstáculos que eu vinha percebendo. Tive que me esforçar sozinho para superar esses desafios. Não tinha nenhum núcleo de inclusão, nenhuma orientação para os professores e tem hora que acho que não tinha também nem boa vontade. Os professores tinham que ser mais capacitados, qualificados, para não discriminar e para não ter preconceito com as pessoas cegas. (Saulo, cego, Privada C)

ALGUNS DEPOIMENTOS

Nenhum professor foi preparado para receber alunos com deficiências. Na universidade sempre entrou os ditos “melhores alunos” e as pessoas com deficiências não eram vistas nesse grupo. Hoje vemos algumas experiências dando certo, como as que vivi. Mas sei que outras tem uma inclusão excludente, onde alunos e alunas com deficiência entram pela porta da frente e lá dentro há pouco a se oferecer para que esses alunos permaneçam na faculdade e concluam o curso. A normalização da inclusão ainda é um processo em construção. *(Carla, Surda, Federal)*

ALGUNS DEPOIMENTOS

A experiência que tive na PRIVADA A, não se repete em todas as universidades. Ao concluir a graduação a distância, tentei voltar a estudar fazendo um curso de pós graduação a distância em controladoria em outra universidade, mas de antemão, fui informado que **o curso deles não tinha acessibilidade a leitores de tela**. O sentimento é de exclusão e de indignação. Exclusão por ser retirado do processo de aprendizagem por causa de uma limitação sensorial. **Indignação pelo fato dessa ser uma das mais conceituadas IES do Brasil e, além de não estar adaptada para receber uma pessoa com deficiência, em momento nenhum colocou que tentaria se adaptar.** (Rogério, cego, PRIVADA)

ALGUNS DEPOIMENTOS

No final do ano, recebi a feliz notícia que o meu projeto foi escolhido e poderia expandir o meu conhecimento, fazendo alguns cursos nos Estados Unidos. A UNIDIS, não hesitou em nenhum momento para dar o seu apoio como entidade e como equipe. Isto é o que eu gosto na UNIDIS. Para eles, não somos apenas um número, mas adaptam às necessidades e demandas específicas de cada aluno e nos dão uma atenção personalizada. Em nenhum momento colocaram empecilho para eu me candidatar ao **intercâmbio** e muito menos em concretizá-lo. Foi uma experiência fantástica. (*Sandra, Paralisia Cerebral, UNED*)

ALGUNS DEPOIMENTOS

Percebo que fisicamente os espaços estão se preparando e tornando acessíveis, mas precisamos da acessibilidade atitudinal, que é as pessoas mudando o comportamento em relação as diferenças. A legislação tem se tornado uma aliada importante nesse processo e tem funcionado, mas precisamos de novas posturas. Sou otimista! Acredito que estamos no caminho. Falar em acessibilidade é algo muito novo no Brasil e até no mundo. *(Carla, surda, Federal)*.

Também sou realista quanto a evolução do processo de inclusão. Em 10 anos a situação melhorou muito. Não é a ideal ainda, mas acredito que estamos caminhando em direção a uma universidade acessível, principalmente quanto a Educação a distância. *(Rogério, Privada A)*

As pessoas que estão em uma situação semelhante a minha tem que se matricular na universidade, pois os conhecimentos de todos os tipos que adquirimos nela são fundamentais para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. *(Paco, Baixa visão, UNED)*

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

- Na maioria das vezes a limitação não é das pessoas com deficiência, mas dos contextos que as circundam.



ACESSIBILIDADE UNIVERSAL



“É preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza”.

Boaventura de Souza Santos, 2007

De acordo com o documento orientador do **Programa Incluir** (2013):

A condição de deficiência não deve definir a área de seu interesse profissional. Para a efetivação desse direito, as IES devem disponibilizar serviços e recursos de acessibilidade que promovam a plena participação dos estudantes. (p.11)

Dentre os recursos e serviços de acessibilidade disponibilizados pelas IES, destacam-se o tradutor e intérprete de LIBRAS, guia intérprete, equipamentos de tecnologias assistivas e materiais pedagógicos acessíveis, atendendo às necessidades específicas dos estudantes. (...) Cabe às IES a responsabilidade pelo provimento destes serviços e recursos em todas as atividades acadêmicas e administrativas. (...) à gestão da educação superior compete o planejamento e implementação das metas de acessibilidade preconizadas pela legislação em vigor, para provimento das condições de pleno acesso e permanência. Esta obrigação não deve ser transferida aos estudantes com deficiência ou as suas famílias, por meio da cobrança de taxas ou qualquer outra forma de transferência da atribuição. (p.12)

PROCESSOS E MEDIDAS PARA FAVORECER A INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA

- Atenção desde o momento do acesso à universidade: na elaboração do edital, no momento dos exames vestibulares e na correção das provas.
- Fórum de discussão nacional dos núcleos de inclusão das Instituições de ensino superior;
- Adequações pedagógicas, estruturais e humanas;
- Inserir estudantes com deficiência nos projetos de análise das tecnologias digitais e assistivas a serem utilizados por eles;
- Oferta de cursos superiores a distância para além das licenciaturas;

PROCESSOS E MEDIDAS PARA FAVORECER A INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA

- Obrigatoriedade de AEE também nas IES privadas;
- Acessibilidade das plataformas e demais recursos;
- Promover a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão;
- Reconhecer as potencialidades dos estudantes;
- Apoio da família;
- Institucionalizar os apoios nas IES. Não basta um profissional envolvido.
- Diretores de cursos a distância compreender as necessidades de adaptações.

POSSIBILIDADES DE NOVAS PESQUISAS

- Compreender os impactos do Programa de Acessibilidade na Educação Superior - Incluir – e do Plano Nacional dos Direitos das pessoas com deficiência- Viver sem limites – do governo federal brasileiro – para o acesso e permanência de pessoas com deficiência no ensino superior a distância.
- Analisar os processos de inclusão de pessoas com deficiência intelectual no ensino superior.
- Identificar as possibilidades de formação continuada de professores do ensino superior para a inclusão de pessoas com deficiência nesse nível de ensino.
- Analisar a inserção das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, após a conclusão do ensino superior.

UM DOS MUITOS DEPOIMENTOS

(...) A situação física não mudava no ritmo e na direção que eu queria. Assim, para poder me adaptar, o que tive que fazer foi mudar por dentro, mudar meus pontos de vista, a minha maneira de pensar, minhas crenças, meus valores. Uma grande ajuda, um grande passo no enfrentamento da minha situação, aconteceu enquanto estava conversando com um psicólogo, amigo meu. Estava contando para ele como era difícil a minha situação, reclamando palavra após palavra sobre como era difícil o meu estado e, de repente, ele me perguntou: "Quem é você?" Esta pergunta me deixou intrigado. "Quem sou eu? Pois eu sou Miquel, certo?". A questão foi focada para eu descobrir quem eu realmente era, muito além do nome que meus pais tinham me dado. Eu sou eu mesmo.

O sentimento e a profundidade desta descoberta não consigo descrever em palavras; mas o que me inspirou a compartilhar isso com você é que, com essa experiência dessa pergunta, eu percebi que eu não era o meu corpo, e também não era a minha mente. Eu sou esse algo, essa essência, essa fonte de vida muito além da matéria da carne, que é o meu corpo. Essa compreensão tão clara foi um ponto de mudança na minha vida. A partir de então, eu não sou um tetraplégico, mas eu tenho um corpo com um status de tetraplegia. Isso me deu uma sensação de liberdade sobre a deficiência muito mais ampla do que eles podem imaginar. Decidi então estudar Psicologia para me entender melhor. Meu mundo foi mudando deixando de fixar em uma perspectiva de limitação da minha lesão medular para enxergar um mundo de milhares de opções e possibilidades, com múltiplas alternativas aos meus limites físicos.



Obrigada!

Prof^a Dr^a Sheilla Brasileiro
sheillabrasileiro@pucminas.br

*COLÓQUIO EDUCAÇÃO SUPERIOR
DIMENSÕES E PERSPECTIVAS TRANSDISCIPLINARES*

Desafios do Ensino Superior e EaD



TECNOLOGIA, ACESSIBILIDADE E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Prof^a Dr^a Sheilla Brasileiro
18 de abril de 2017